

CROCHÊ EM AMBIÊNCIA COM O LAR: DESIGN PARA A FELICIDADE

Palavras-chave: crochê, lar, design para a felicidade.

Ana Célia Carneiro Oliveira; Universidade do Estado de Minas Gerais; Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil; ana.carneiro@uemg.br;

Nadja Maria Mourão; Universidade do Estado de Minas Gerais; Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil; nadja.mourao@uemg.br;

1. Introdução

A relação do ser humano com os fazeres manuais manifesta-se por meio das materialidades do Design e de seus processos criativos, os quais operam como ferramentas para imaginar futuros mais justos, sustentáveis e habitáveis. O lar humano está intrinsecamente vinculado a lugares que carregam memórias afetivas, frequentemente corporificadas em objetos materiais, especialmente aqueles produzidos manualmente por meio de técnicas que envolvem agulhas e linhas.

Historicamente, o Design consolidou-se como profissão no Brasil a partir da década de 1960. Durante um longo período, no entanto, observou-se um distanciamento entre o campo do Design e o do artesanato, com exceções pontuais, como as iniciativas de Lina Bo Bardi e Aloísio Magalhães. A partir da década de 1990, esse cenário passou por transformações significativas, com o fortalecimento de vínculos entre esses domínios, impulsionado, em grande medida, por políticas públicas voltadas à valorização do artesanato como expressão cultural e instrumento de geração de renda (Lima; Oliveira, 2016).

Este artigo tem como objetivo refletir sobre os entrecruzamentos entre o fazer manual — com ênfase na prática do crochê — e o Design, partindo de uma abordagem qualitativa, fundamentada em revisão bibliográfica e estudo de caso no âmbito do projeto de extensão universitária “**Artesanias**”. O texto investiga como os objetos feitos à mão,

produzidos com linhas e agulhas, operam como dispositivos de memória e bem-viver. A literatura da área destaca os benefícios decorrentes dessa aproximação, a qual pode enriquecer ambos os campos do saber, especialmente quando inserida no ambiente do lar.

A intenção é problematizar a delicadeza e a complexidade dessa relação nos espaços do lar, reconhecendo que ela deve ser tratada com sensibilidade e respeito por todos os atores envolvidos. Ressalta-se, ainda, a importância de considerar as especificidades epistemológicas, simbólicas e técnicas de cada campo, bem como suas respectivas implicações culturais e sociais, em consonância com Ingold (2013), que compreende o fazer manual e o habitar como práticas imbricadas em processos relacionais, saberes locais e formas de vida.

2. Desenvolvimento

Neste trabalho, entende-se que um lar é um lugar próprio para cultivar afetos, envolvendo dimensões práticas e estéticas, que refletem distintas formas de experienciar e compreender os ambientes, suas ambiências e seus objetos. Segundo Bahia (2024), o conceito de ambiência refere-se a aspectos humanos que se manifestam de forma simultaneamente individual, interpessoal e coletiva. Trata-se, portanto, de uma noção que busca capturar um estado de equilíbrio entre os ritmos interiores do corpo humano e os ritmos da natureza. Nesse sentido, "tratava-se de uma concepção de ambiência como algo que deveria criar a conexão entre as formas construídas e a permissividade que estas formas ocasionariam para aqueles que as vivenciavam" (Bahia, 2024, p. 40).

Do ponto de vista estético, a apreciação das formas, cores e cheiros do lar é uma experiência subjetiva e variável: para algumas pessoas, esse aspecto é central; para outras, ocupa um lugar secundário. Nesse contexto, a presença de objetos feitos à mão, por meio de técnicas como o croché, adquire um valor simbólico e sensorial que aproxima o fazer artesanal da prática artística. Cooper (2006) ressalta que o croché, ao articular materialidade, gesto e repetição, constitui uma forma legítima de expressão estética.

Transformar o lar, nesse sentido, é também transformar as memórias afetivas que nele se depositam — e, por extensão, transformar a experiência subjetiva do bem-viver. A

V COLÓQUIO DE PESQUISA EM DESIGN E ARTES

5, 6 e 7 de novembro 2025

felicidade, como fenômeno existencial, manifesta-se frequentemente de forma íntima e silenciosa. Ela escapa às lógicas instrumentais, não se submete a métricas ou fórmulas universais, e habita as sutilezas do cotidiano: o cheiro do café, o abraço inesperado, a brisa que entra pela janela no fim da tarde. É nesse espaço de sensibilidade que objetos afetivos, confeccionados manualmente com fios e agulhas, se instalam e ganham valor simbólico no cotidiano doméstico.

A criação desses objetos, quando orientada por princípios projetuais conscientes, pode constituir um exemplo do que Oliveira (2017) denomina “Design para a Felicidade” — uma abordagem que reconhece o potencial do Design de gerar bem-viver ao fomentar vínculos emocionais, identitários e sensoriais com o ambiente e suas ambiências.

Mais do que uma meta, a felicidade pode ser compreendida como um estado de conexão: consigo mesmo, com os outros, com o lar e com o mundo ao redor. Uma leve presença que se instala quando se está em paz com o que se é, com a história que se carrega e com aquilo que a vida oferece — ainda que em sua imperfeição.

Segundo Zago (2025), é plausível considerar que as primeiras experiências racionais do ser humano estiveram relacionadas, sobretudo, à utilização de instrumentos voltados à sobrevivência, e não necessariamente ao desejo de compreender criticamente o mundo. Por longos períodos históricos, as cosmogonias¹ exerceram papel central na orientação da existência humana, fornecendo narrativas simbólicas que explicavam a origem do universo e fundamentavam a ação prática no mundo. No livro do Gênesis 6, 14-16 está escrito que Deus disse a Noé:

Faze uma arca de tábuas de cipreste; nela farás compartimentos e a calafetarás com betume por dentro e por fora. Deste modo a farás: de trezentos côvados será o comprimento da arca, de cinquenta, a sua largura, e de trinta, a sua altura. Farás ao seu redor uma abertura de um côvado de altura; a porta da arca colocarás lateralmente; far-lhe-ás andares, um embaixo, um segundo e um terceiro.

Esse trecho bíblico exemplifica a articulação entre técnica e narrativa, evidenciando que, desde tempos remotos, a ação construtiva esteve permeada por valores simbólicos e afetivos.

¹ A cosmogonia se trata de explicar por meio de filosofia, mitos, religiosidade, etc. sobre a origem do universo. Disponível em: <https://conceito.de/cosmogonia>. Acesso em: 27 de jul. de 2025.

Ainda segundo Zago (2025), diversas espécies animais são capazes de utilizar instrumentos — definidos como objetos físicos externos ao próprio corpo — com o intuito de ampliar suas possibilidades de atuação no ambiente, adequando-se às ambiências e aumentando suas chances de sobrevivência e bem-viver. Mais que isso, muitas dessas espécies transmitem o conhecimento sobre o uso desses instrumentos às gerações seguintes, por meio de processos de aprendizagem social e cultural, configurando formas elementares de tradição.

No caso dos seres humanos, esse processo assume uma dimensão mais complexa, envolvendo a produção e preservação de objetos que condensam memórias afetivas, muitas vezes com funções simbólicas ou funcionais, conforme aponta Oliveira (2017). Esses objetos sobrevivem ao tempo nos lares, atuando como testemunhos da experiência cotidiana e das relações interpessoais, constituindo, assim, elementos centrais da cultura material.

Nesse contexto, o projeto de extensão universitária **Artesanias** dedica-se a explorar essas dimensões da memória afetiva por meio do fazer manual, especialmente utilizando técnicas têxteis como o crochê. Os membros do projeto são estudantes da instituição acadêmica, professores, funcionários e pessoas interessadas no crochê colaborativo. Ao trabalhar com linhas e agulhas, os membros do projeto propõem a produção de objetos que carregam mensagens afetivas e culturais, promovendo laços intergeracionais e revalorizando saberes tradicionais no interior do ambiente lar.

Na figura 1, apresenta-se uma imagem dos corações de crochê, confeccionados de forma colaborativa e distribuídos em pontos estratégicos no ambiente acadêmico. Esta ação representa um gesto de afeto por estética, funcionalidade ou simbolismo foram abraçados por vários lares guardados no íntimo do ser humanos.

V COLÓQUIO DE PESQUISA EM DESIGN E ARTES

5, 6 e 7 de novembro 2025



Imagem 1 – Corações de croché.
Fonte: Acervo de pesquisa (2025).

Trata-se, portanto, de uma prática que articula técnica, estética e afeto, promovendo um espaço de reflexão sobre os modos de habitar e criar sentidos no cotidiano.

3. Considerações Finais

Os fazeres manuais ao integrarem saberes ancestrais, técnica e expressão afetiva, revelam-se como práticas potentes na construção de ambiências do lar mais sensíveis, significativas e habitáveis. A produção artesanal de objetos — como os confeccionados por meio da técnica do crochê — transcende a função utilitária e se inscreve em um campo ampliado do Design, no qual estética, memória e bem-viver se entrelaçam. Esses objetos atuam como depositários de afetos, identidades e modos de viver, transformando o lar em um espaço simbólico de resistência, cuidado e pertencimento.

Ao considerar o processo histórico do Design no Brasil, observa-se o surgimento de um movimento recente de reaproximação com o artesanato. Por exemplo, o projeto de extensão Artesanias, de iniciativa colaborativa. Essa rearticulação além de valorizar os saberes tradicionais, amplia as possibilidades do Design contemporâneo, aproximando-o de um modelo mais sustentável, ético e culturalmente enraizado.

A partir de uma perspectiva teórico-prática, as reflexões reunidas neste trabalho indicam que a experiência de habitar — mais do que ocupar um espaço físico — envolve a construção de vínculos com os objetos, com as histórias que eles carregam e com as

V COLÓQUIO DE PESQUISA EM DESIGN E ARTES

5, 6 e 7 de novembro 2025

peças que os produzem. Trata-se de uma abordagem do Design orientada para a felicidade, não como um ideal abstrato, mas como uma experiência situada, cotidiana e relacional.

Dessa forma, pensar o design em diálogo com o fazer manual, com as práticas afetivas e com os modos de vida locais, é também repensar o futuro — um futuro mais justo, habitável e sensível às pequenas grandes potências do cotidiano.

REFERÊNCIAS

BAHIA, Isabella Pontello. **DESIGN, AMBIÊNCIAS E CARNAVAL: práticas e percepções nas ruas da cidade de Belo Horizonte-Brasil**. 2024. Tese de Doutorado. Universidade do Estado de Minas Gerais-UEMG.

BÍBLIA. Gênesis 6:14–16. Tradução Almeida Revista e Atualizada (ARA).

COOPER, David E. Art and nature? *In*: COOPER, David. **A philosophy of the gardens**. New York: Oxford, 2006. p. 42-61.

INGOLD, Tim. **Making: Anthropology, Archaeology, Art and Architecture**. London: Routledge, 2013.

LIMA, Marcela Fonseca; OLIVEIRA, Alfredo Jefferson de; "ARTESANATO E DESIGN: RELAÇÕES DELICADAS", p. 5164-5174 . *In*: **Anais do 12º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design [= Blucher Design Proceedings, v. 9, n. 2]**. São Paulo: Blucher, 2016. ISSN 2318-6968, DOI 10.5151/despro-ped2016-0442

OLIVEIRA, Ana Célia Carneiro. **Design para a Felicidade: objetos de memória em espaços de vivências**. (Trabalho de Mestrado). Universidade do Estado de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

ZAGO, José Antônio. **O oitavo dia: o dia seguinte à criação ou o bem-estar na tecnologia**. São Paulo: Dialética, 2025.